

A OCUPAÇÃO TERRITORIAL DO BRASIL E A INFLUENCIA GEOPOLITICA DAS REDES

DANTE SEVERO GIUDICE - dasegu@gmail.com

Professor Adjunto do Curso de Geografia da Universidade Católica do Salvador - UCSAL

Recibido 07/05/14, Aceptado 21/09/14

Resumo	<p>O objetivo deste trabalho é orientar reflexões e demonstrar a importância geopolítica das redes na ocupação do território brasileiro, já que a grande extensão territorial do país, metade de toda a América do Sul, com uma importância estratégica enorme, já que possui fronteiras com quase todos os países do continente, e possuir grande potencial em recursos naturais, só pode obter vantagem política e econômica, se houver ocupação e povoamento adequados, e com poder central fortalecido, para promover a união eficaz de todo o território nacional.</p> <p>Levando-se em conta que a geopolítica brasileira, esteve sempre ligada aos militares, é evidente que as redes em geral desempenharam papel importante na consolidação dos princípios por ela estabelecidos, vinculados sempre a obsessão pela segurança que passava pela segurança nacional, num processo de apropriação do território que abrangeu a consolidação das fronteiras, ampliação da rede viária, aérea, e principalmente da rede de telecomunicações.</p> <p>Apesar de todos os custos econômicos, sociais e ambientais, com abertura de estradas em regiões remotas que interligavam imensos espaços vazios, como a perimetral norte, a inserção de costumes e hábitos das regiões costeiras para as novas fronteiras, descaracterizando as culturas locais, assim como a devastação de imensas áreas do cerrado e da Amazônia, as redes conseguiram integrar e apropriar novos territórios ao contexto do país.</p> <p>Palavras chaves: rede de informação, geopolítica, organização espacial.</p>
---------------	--

Resumen	<p>El objetivo de este trabajo es guiar las reflexiones y demostrar la importancia geopolítica de las redes en la ocupación del territorio brasileño, ya que el gran tamaño del país, la mitad de toda la América del Sur, con una enorme importancia estratégica, ya que tiene fronteras con casi todos países del continente, y tiene un gran potencial en recursos naturales, sólo pueden obtener ventajas políticas y económicas, si la ocupación adecuada y liquidación, y el poder central potenciado, para promover la unión efectiva a nivel nacional.</p> <p>Teniendo en cuenta que la geopolítica brasileña siempre ha sido conectado a la militar, es evidente que las redes en general, desempeñaron un papel importante en la consolidación de los principios establecidos en ella, siempre vinculados a la obsesión por la seguridad que pasaba por la seguridad nacional en el proceso de apropiación el territorio que incluía la consolidación de las fronteras, la expansión de la carretera, red de aire, y especialmente de la red de telecomunicaciones.</p> <p>A pesar de todos los costos económicos, sociales y ambientales, la apertura de caminos en las regiones remotas inmensos huecos interconectados, como el perímetro norte, la inserción de las costumbres y los hábitos de las regiones costeras a nuevas fronteras, descaracterizando las culturas locales y la devastación de grandes áreas del Cerrado y la Amazonía, las redes eran capaces de integrarse y establecerse nuevos territorios al conjunto del país.</p> <p>Palabras clave: red de información, la geopolítica, organización especial.</p>
----------------	---

Abstract	<p>The objective of this work is to guide reflections and demonstrate the geopolitical importance of networks in the occupation of Brazilian territory, since the large size of the country, half of all South America, with an enormous strategic importance since it has borders with almost all countries of the continent, and has great potential in natural resources, can only get political and economic advantage, if appropriate occupation and settlement, and strengthened central power, to promote effective union nationwide.</p> <p>Taking into account that the Brazilian geopolitics has always been connected to the military, it is clear that networks in general played an important role in consolidating the principles established by it always linked to obsession with security that passed for national security in the process of ownership the territory which</p>
-----------------	--

included the consolidation of borders, extension of the road, overhead lines, and especially the telecommunications network.

Despite all the economic, social and environmental costs, opening roads in remote regions immense interconnected voids, such as the northern perimeter, the insertion of customs and habits of coastal regions to new frontiers, dismantling local cultures and the devastation of vast areas of the Cerrado and the Amazonia, the networks were able to integrate and settle new territories to the conjunct of the country.

Keywords: information network, geopolitics, spatial organization.



1.Introdução

A ocupação territorial do Brasil desde o início, sempre foi difusa, concentrando-se principalmente no litoral, e promovendo grandes vazios habitacionais no interior. Este fato causava vulnerabilidade ao país, sobretudo na época em que a dominação territorial era muito importante para a segurança do território nacional. A grande extensão das fronteiras, muito distantes dos centros do poder, o alto potencial em recursos naturais, davam ao país grande importância estratégica, mas para consolidar tudo isso e obter vantagem política e econômica, era necessário haver ocupação e povoamento adequados, necessitando de uma geopolítica integradora.

A geopolítica pode ser entendida, sobretudo como uma arte - arte que se filia à política e, em particular, à estratégia ou política de segurança nacional, buscando orientá-las à luz da geografia dos espaços politicamente organizados e diferenciados pelo homem. Seus fundamentos se radicam, pois, na geografia política, mas seus propósitos se projetam dinamicamente para o futuro. (Silva, 1981).

Para Silva, ela nada mais é que a fundamentação geográfica de linhas de

ação política, quando não uma proposição de diretrizes políticas formuladas à luz dos fatores geográficos, em particular de uma análise calcada, sobretudo, nos conceitos básicos de *espaço* e de *posição*. Um dos ramos, portanto, da política, como a imaginara o próprio Kjellén e sempre a qualificou, entre nós, o mestre Backheuser: “política feita em decorrência das condições geográficas”. (Silva, 1981).

Por outro lado, Costa observa:

“... Descartadas as confusões e dissimulações em torno do rótulo, pode-se afirmar com relativa segurança que a geopolítica, tal como foi exposta pelos principais teóricos, é antes de tudo um subproduto e um reducionismo técnico e pragmático da geografia política, na medida em quem se apropria de *parte* de seus postulados gerais, para aplicá-los na análise de situações concretas interessando ao *jogo de forças estatais projetado no espaço*.” (Costa, 1992)

A geopolítica brasileira sempre esteve vinculada aos círculos militares que sempre foram obcecados pela questão da segurança nacional, e isso passava pela integração de todo o território nacional, principalmente os rincões extremos e praticamente desabitados da fronteira amazônica. Nesta perspectiva, durante os regimes totalitários, muitas foram as tentativas de integração, mas durante o regime policial militar de 1964, essa preocupação tomou grandes proporções, engajada na megalomania do “Brasil Grande”. É neste período que as redes ganham importância na tentativa de integração plena de todo o território pátrio, principalmente através da implantação das redes rodoviária e aérea nas regiões isoladas, e das redes de telecomunicações.

Assim é nossa proposta demonstrar a importância das redes, incrementada pelos governos policiais militares, na consolidação da integração do território brasileiro, agregando ao ecúmeno nacional, sobretudo a região oeste e a Amazônia.

Para a realização da pesquisa, foi realizado levantamento bibliográfico, pes-

quisa em sites, localização/adaptação de mapas existentes, sistematização das informações, e estruturação do artigo.

Este trabalho faz parte das pesquisas elaboradas pelo GEPOGEO –Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia Política e Geopolítica da UCSAL–, do curso de Geografia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da referida universidade.

2. Considerações sobre a importância das redes

As redes desempenham papel importante na organização e ocupação do espaço, e fizeram uma verdadeira revolução no mapa do mundo à partir do século XIX, já que tornaram os lugares mais próximos, facilitando a circulação de informações, bens e pessoas, com maior velocidade.

A referência ao termo rede é muito antiga e remonta a antiguidade grega. Entretanto, nos tempos mais recentes, sua primeira referência acontece como conceito-chave do pensamento de Saint-Simon que defendia a criação de um Estado organizado racionalmente por cientistas e industriais, e exerceu grande influência sobre intelectuais, políticos e governantes europeus.

A partir daí o conceito de rede passou a ser utilizado de várias formas, como o fez Chevalier, apud Dias (2005) que era adepto do sansimonismo, e utilizou o termo para evocar a relação entre as comunidades e o crédito. Vários foram os trabalhos que se seguiram, seguindo a escola de Saint-Simon que objetivava o estabelecimento de um sistema geral de comunicações, onde se unia a idéia de conexão à noção de rede, a exemplo do que ocorreu na França, onde se integram os vários modos de vias de comunicação.

Segundo Dias (2005) a grande ruptura que introduz novo conceito de rede acontece na segunda metade do século XVIII, quando deixa de representar a metáfora do corpo e passa a representar formas geométricas do território que se multiplicam graças à triangulação do espaço em rede. É neste período que engenheiros cartógrafos, com frequência militares, passam a empregar o termo rede no sentido moderno de rede de comunicação e representam o território

como um plano de linhas imaginárias, ordenadas em rede, para quantificá-lo matematicamente e construir o mapa. Assim, (Musso apud Dias, 2005) essas formalizações da ordem reticular, com base numa visão geométrica e matemática do espaço foram o prelúdio necessário à formação do conceito de rede que se torna operacional, como instrumento, criado pelos engenheiros para cobrir o território.

Vários autores trataram do tema, ainda que muitas vezes especificamente, como é o caso de Leon Lallane, em trabalho referente as redes ferroviárias, considerado o primeiro ensaio teórico consagrado às redes (Ribeill apud Dias, 1995), Jean Labasse, e Pierre Monbeig que trata da questão das redes ferroviárias no Brasil.

O sistema de redes envolve duas premissas, circular e comunicar, mas no entanto isso não está ao alcance de todo o mundo, existe parte do ecúmeno que está excluída do processo, a exemplo da África e de outras regiões dentro do mundo subdesenvolvido que estão à margem do processo de integração, seja pela falta de recursos ou mesmo por um processo de "manipulação exclusão" como forma de dominação. Como diz Raffestin, citado por Dias (1995), *"a rede faz e desfaz as prisões do espaço tornado território: tanto libera como aprisiona. É porque ela é 'instrumento', por excelência, do poder."*

As redes têm importante papel no processo de apropriação do espaço tendo em vista que são responsáveis pelas transformações causadas quando se constroem rodovias, ferrovias, canais, rotas aéreas, linhas de comunicação, etc, e isso fica evidente quando Dias (1995), afirma:

"A questão das redes reapareceu de outra forma, renovada pelas grandes mudanças deste final de século, renovada pelas descobertas e avanços em outros campos disciplinares, e na própria Geografia. Neste novo contexto teórico, a análise das redes implica abordagem que, no lugar de tratá-la isoladamente, procure suas relações com a urbanização, com a divisão territorial do trabalho e com a diferenciação crescente que esta introduziu entre as cidades. Trata-se, assim, de

instrumento valioso para a compreensão da dinâmica territorial brasileira”.

Com a evolução tecnológica, as redes promoveram a eliminação de barreiras de todas as ordens, vindo acelerar a velocidade de circulação das informações e do saber, que passaram a ser em “tempo real”, dando um novo significado a compreensão tempo-espaço.

Dentro das concepções recentes sobre redes, muito se tem criticado e contestado as idéias tradicionais, e o que foi escrito à respeito, inclusive por Saint-Simon, como é o caso de Musso (apud Dias, 2005) que levanta uma tese relativamente original sobre as diferenças entre o que ele escreveu e seus seguidores, na construção da história das idéias do século XIX. Para ele, teria sido forjado o conceito de rede para pensar a mudança social, onde as redes de comunicação eram percebidas como mediadoras técnicas de tal mudança. Por outro lado, seus discípulos, diferentemente, teriam feito o caminho inverso ao do mestre, pois para eles as redes tornaram-se as próprias produtoras de relações sociais, até mesmo de uma revolução social, ponto que, aliás concordamos plenamente, e que é evidenciado pela internet, que se tornou uma forma de aproximar pessoas, facilitando e reduzindo custos dos contatos.

Nesta perspectiva contemporânea do debate sobre redes, surgem as idéias de Castells, em seu trabalho “A sociedade em rede” onde elas são representadas como organismo planetário que parece desenhar a infra-estrutura invisível de uma sociedade, a qual é pensada como rede. Estas idéias são seguidas por vários autores, mas também criticada por outros, como R. Randolf, que considera a análise dele surpreendente e paradoxalmente conservadora, e Jean-Marc Offner que afirma haver certa contradição, já que ele projeta as redes num universo de auto-regulação, sucumbindo ao determinismo tecnológico que ele pensa combater.

Assim, vale ressaltar, para finalizar estas considerações sobre importância das redes, as idéias de Milton Santos, em seu livro “A natureza do espaço”, onde

ele afirma que estamos em busca de maior fluidez, daí a necessidade de sempre se procurar novas técnicas mais eficazes, para atender a crescente necessidade de agilização das redes.

3. As redes na geopolítica brasileira

Segundo Toledo Junior (2003), as redes podem ser entendidas tanto como a presença de uma infra-estrutura no território, quanto pelos serviços que esta permite que se realizem.

No caso brasileiro, elas são de grande importância, pois desde o período colonial, o sentido de nação esteve sempre articulado ao de território, e desta forma a idéia de unidade nacional, confunde-se com integridade territorial.

A questão da coesão interna, alvo principal dos geopolíticos para ação dos Estados, adquire no Brasil um caráter particular, devido a imensidão do território, o povoamento disperso, e o fraco poder articulado inter-regional da economia agrário-exportadora (Costa, 1992). Aliado a isso o poder central instalado no centro-sul, e formado por oligarquias locais e regionais, evidencia um quadro político-administrativo-territorial unitário, extremamente desarticulado em nível nacional.

Assim, o discurso político territorial do “Estado Novo” era a idéia de integração nacional, e por fim aos regionalismos desenfreados. É desta época o “Plano de Viação” que visavam, a integração territorial, e pode ser considerado o precursor de um sistema de rede viária. É na perspectiva de integração e povoamento que em 1943, o governo Vargas cria seis territórios federais (Iguaçu, Ponta-Porã, Guaporé, Rio Branco, Amapá e Fernando de Noronha) em área de fronteira, que vieram se juntar ao Acre (criado no começo do século XX), para garantir a posse delas, consolidá-las e integrá-las ao ecúmeno nacional.

Como cita Costa (1992), a idéia de unidade nacional, enquanto integração territorial, foi exposta por Getúlio Vargas e maneira eloquente:

“O imperialismo do Brasil consiste em ampliar as suas fronteiras econômicas e integrar um sistema coerente, em que a circulação das

riquezas e utilidades se faça livre e rapidamente, baseada em meios de transportes eficientes, que aniquilarão as forças desintegradoras da nacionalidade”.

Dentro das concepções de Backheuser (1933), está a antiga idéia geopolítica de que a grande extensão territorial só se torna uma vantagem política e econômica quando associada à ocupação e povoamento adequados, ao mesmo tempo que o poder central, bem localizado, possa estabelecer relações de coesão eficazes no todo territorial. Desta forma a defesa da capital centralizada se confirmou como eficaz e integrou grande parte do território, e transformou Brasília no “centro” irradiador do país, na verdade o “centro de gravidade do sistema geopolítico”.

Como a geopolítica brasileira esteve sempre vinculada aos militares, obcecados com a questão da unidade nacional, também o Brigadeiro Rodrigues (1947), concorda que todas as medidas dos governos imperiais e republicanos, no tocante as redes de circulação, procuraram, cada um a seu modo, enfrentar esta questão crucial. Na verdade, ele tinha em mente a idéia de uma rede de integração, mas num sentido totalitário de centralização do poder, mas considera que no período pós-30, o Estado finalmente assumiu poder dirigente na construção do todo nacional-territorial:

“A impossibilidade material de estabelecer uma densa rede de ferro e rodovias é substituída inteligentemente pela rede de aerovias, que rapidamente cobre todo o país; a dificuldade de estender fios telegráficos por todo território nacional é suprida com a implantação de postos radiotelegráficos por toda parte. Estimulou-se a navegação marítima e fluvial, organizaram-se os planos nacionais ferroviários e rodoviário, ao mesmo tempo que uma centralização enérgica era desenvolvida pelo Governo Federal, cortando uns regionalismos doentios, coibindo expansões políticas absolutas, estabelecendo uma só bandeira, a nacional, um só hino, o dopaís, sob a mística soberana: ‘Grande, só o Brasil’” (Rodrigues, apud Costa, 1992).

Por outro lado, o General Travassos (1947), se preocupava com o controle do “heartland” sul-americano, onde considerava que era natural e possível a influência brasileira, devido à possibilidade de avanços argentinos, já que o “controle” da Bolívia, por ele considerada região-pivô do continente, daria ao Brasil o domínio político-econômico sul-americano. Para tal, bastava a utilização das potencialidades das vias fluviais amazônicas para uma rede de circulação que articulasse o “heartland” boliviano à costa atlântica brasileira, apoiada pela ferrovia Madeira-Mamoré.

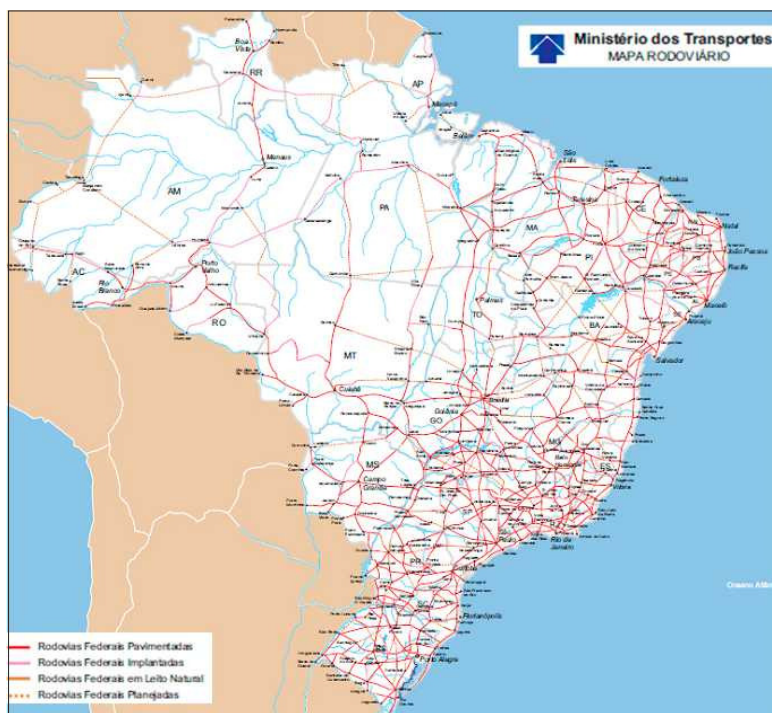
O último dos “clássicos” dentro do que podemos chamar de geopolíticos de Estado-Maior, é o General Golbery do Couto e Silva (1981) que apesar de ter suas idéias dentro do conservadorismo autoritário, apresenta alguma novidade em vários aspectos que, se não implicam ruptura com o pensamento vigente, apontam pelo menos para uma sofisticação de análise que o distancia do esquematismo excessivo até então predominante no setor. Apresenta alinhamento com teses norte-americanas, especialmente Spykman, natural para quem viveu o apogeu da “guerra fria”. A sua análise geopolítica do território brasileiro parte de uma premissa comum a todos os autores do setor, isto é, de que se trata de um imenso espaço desigualmente ocupado e carente de integração, dada a pobreza das comunicações. No entanto a sua estratégia de integração é distinta, e parte de uma regionalização geopolítica que define um núcleo central, constituído pelo triângulo Rio-São Paulo-Belo Horizonte, por ele denominado “o verdadeiro coração do país”, três penínsulas, o nordeste, o centro-oeste e o sul, e uma enorme “ilha”, a Amazônia. Desta forma, propõe um plano de articulação interna, ou integração, que sempre dependerá do “pólo dinâmico”, o triângulo Rio-São Paulo-Belo Horizonte, com suas irradiações sobre as demais regiões, usando para isso “istmos de circulação”, o que é por ele denominado, como vias de circulação entre o “núcleo” e as três “penínsulas”.

Com base nessas premissas, ele afirma que a integração do território nacional passa pela necessidade de ligar o nordeste e o sul, ao núcleo do país, já iniciado com a inauguração de Brasília, através de redes de rodovias (Figura 1), das rotas aéreas (Figura 2) e de ampliação do sistema de telecomunicação, o

que impulsionaria o avanço da onda colonizadora para noroeste, para integrar o centro-oeste ao ecúmeno nacional, e “inundar de civilização” a hiléia amazônica, visando a proteção das zonas de fronteiras.

Segundo Benakouche (1989), Golbery não faz referências aos meios de comunicação na sua estratégia de ocupação, pela simples razão de que naquele momento a revolução dos meios de comunicação ainda não estava em curso. Dentro da sua proposição geopolítica, os meios a que ele se refere muito provavelmente eram os satélites, ainda que estes na época fossem tão conhecidos.

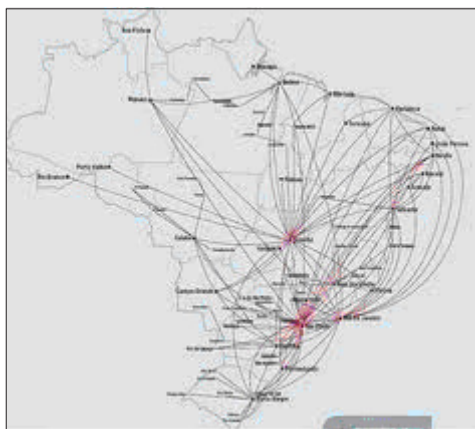
Figura 1. Rede de Rodovias



Fonte: www.ministeriodostransportes.gov.br

Essas idéias foram plenamente adotadas pelo governo policial militar, mas já vinha se desenvolvendo desde o governo JK, que adotava a máxima de “governar é abrir estradas”, assim se lançou os projetos de rasgos toda a Amazônia de rodovias como a Transamazônica, Perimetral Norte, e Cuiabá-Santarém, para promover um sistema de integração, que se mostrou inócuo, pelas dificuldades naturais, e se estendeu linhas de telecomunicação por toda a região, estas sim, responsáveis pela real interligação do país como um todo, ainda que a custo de perda das peculiaridades regionais.

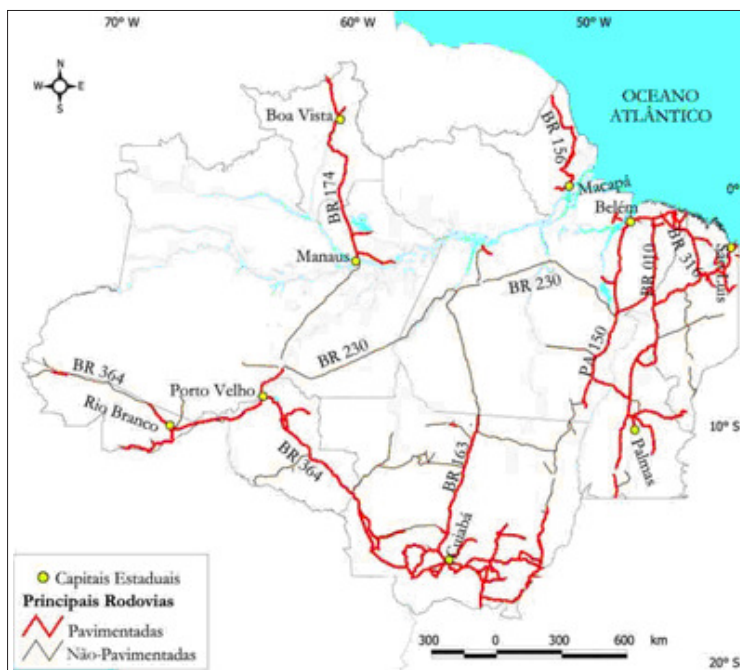
Figura 2. Rotas Aéreas do Brasil



Fonte: www.ministeriodostransportes.gov.br

Segundo Théry (2005), a situação econômica e estratégica da Amazônia começou a mudar com a abertura das rodovias nos anos 60 (Figura 3) e continuou com a melhoria das hidrovias e das redes de telecomunicação: “Passou-se de um espaço reticular a outro, da Amazônia estruturada em função das vias navegáveis, drenando os fluxos para o Leste, a uma região dominada pelas estradas que levam ao Sul-Sudeste”. De acordo com ele, os “nós” dessas duas redes, as cidades que polarizam o espaço, não são os mesmos, o que levou à decadência de algumas e à ascensão de outras, uma redistribuição que alterou profundamente as hierarquias urbanas da região.

Figura 3. Rede Rodoviária da Amazônia



Fonte: IBGE (1997), atualizado através de Guias Rodoviários (2010).

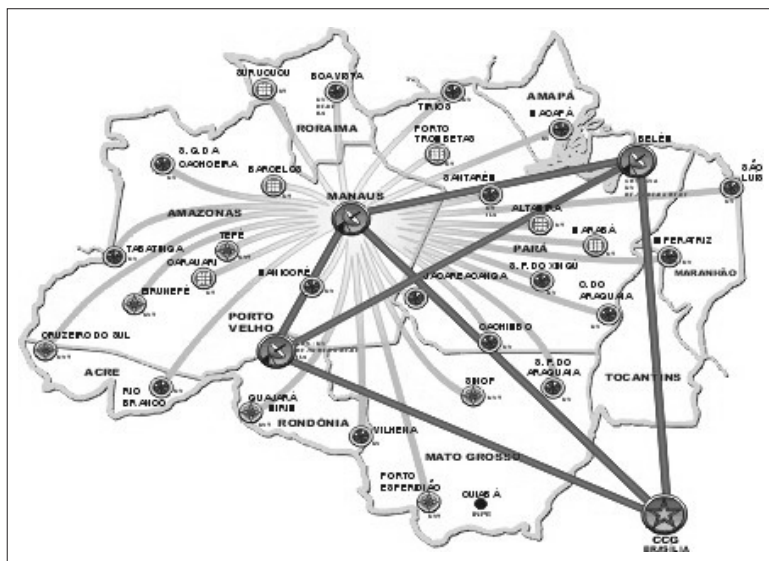
Estas rodovias de “longo curso” nos sentidos dos paralelos e meridianos, parte do chamado Plano de Integração Nacional, dos governos militares, constituem para Meira Mattos (apud Costa, 1992), elementos poderosos de articulação do território e, além disso, viabilizam o início da exploração dos recursos naturais amazônicos. Por isso, ele aplaude a assinatura do “Tratado de Cooperação Amazônica” e assinala que ao Brasil caberia, nesse processo, a vitalização de suas fronteiras, criando “pólos de irradiação fronteiriças” capazes de impulsionarem o progresso, e a influência brasileira até os limites com os demais países amazônicos. Nesta perspectiva, se tentou implantar uma rede de agrovilas que terminaram fadadas ao fracasso, pela dificuldade de produzir, e a falta de mercados consumidores próximos.

Nesta linha de pensamento, foram desenvolvidas várias outras geopolíticas de integrar o país, e as telecomunicações tiveram papel preponderante, através das redes de televisão, à princípio com o sistema de vídeo-tape, e depois pelo sistema via satélite que passou a permitir recebimento de toda programação em tempo real, em espaços longínquos do território, consolidando a unidade, e uniformizando os costumes, linguagem, etc. Também o sistema de rede de telefonia veio revolucionar as comunicações e tornar as distâncias mais curtas.

A preocupação com o isolamento, fez com que a Amazônia fosse contemplada com vários projetos que visavam a sua integração plena, a exemplo do Corredor de Exportação e Abastecimento que se utiliza da natural rede hidroviária de mais de 24.000 km de vias navegáveis, associada a rede rodoviária, que atendem à função de penetração e integração, com a implantação de vasto programa de desenvolvimento, através de projetos industriais, pecuários, agrícolas e de colonização; e do SIVAM –Sistema de Vigilância da Amazônia–, uma rede de coleta e processamento de informações, criado para estabelecer uma nova ordem na região, com um Centro de Coordenação Geral (CGC) em Brasília, três Centros Regionais de Vigilância (CRV), em Manaus, Belém e Porto Velho, e diversos órgãos remotos, e sensores espalhados por toda a Região Amazônica, os quais terão os seus dados agrupados e processados nas CRV (Fig. 4).

Por todo o discorrido, fica evidente que a estrutura de redes de informação, teve papel importante na geopolítica brasileira, sempre preocupada com a integridade nacional.

Figura 4. Rede do Sistema de Vigilância da Amazônia



Fonte: www.sivam.gov.br/

Considerações Finais

Podemos considerar que a estruturação das redes no Brasil teve particular incentivo da geopolítica, que muito contribuiu para a organização espacial brasileira, bem como se utilizou delas como forma de garantir a soberania do território, num período onde este fator era preponderante como expressão do poder. Como a nossa geopolítica esteve sempre vinculada aos círculos militares, no período compreendido entre 1964 e 1990, as redes ganharam grande impulso, pois a ameaça do comunismo pairava no ar, e garantia da soberania nacional era a palavra de ordem.

Tendo em vista que o país ainda hoje possui uma concentração de população ao longo da costa, com o interior tendo ocupação cada vez mais esparsa à proporção que se dirigem para oeste, as redes de integração passaram a ser a

meta, pois através delas se expandia o povoamento para o *interland*, e as telecomunicações tinham o papel de interconectá-los.

Assim, como afirma Claval (1997) as antigas periferias ganharam competitividade graças a uma melhor integração devido as novas redes de informação, ainda que esta evolução tenha tido como custo a marginalização das tradições locais e o triunfo de um tipo de cultura universal que não é aquela aquisição intelectual sonhada por gerações de intelectuais, mas a cultura de massa difundida pelas mídias. Entretanto apesar de todo este esforço, o Brasil continua incapaz de controlar plenamente suas fronteiras.

Nessa perspectiva, houve uma “homogeneização” sócio-cultural, principalmente com relação a “ilha” amazônica, e o centro-oeste. Como previa Golbery (1981) na sua “manobra de integração do território nacional”, quando afirma que se deveria impulsionar para oeste a onda colonizadora a partir da plataforma central, de modo a integrar a península centro-oeste ao ecúmeno brasileiro, bem como a amazônica, partindo de uma base avançada constituída no centro-oeste (Brasília veio fazer este papel), criando uma identidade comum que garantisse, junto com o idioma, a consolidação da integração tão almejada pela geopolítica brasileira.

Referências Bibliográficas

- Andrade, M. C. (1995). *Geopolítica do Brasil*. São Paulo: Ed. Àtica S.A.
 - Beckheuser, E. (1933). *Problemas do Brasil - Estrutura geopolítica*. Rio de Janeiro: Ed. Omnia.
 - Benakouche, T. (1989). Du Telephone aux nouvelles technologies: implications sociales etspatiales des reseaux de telecommunication au Bresil. Paris: Tese (Doutorado) Université de Paris XII - Val-de-Marne - Institut d'Urbanisme de Paris.
 - Claval, P. (1997). "O papel das redes de informação na geopolítica da inclusão/inclusão". In Becker, B. *A geografia política do desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
 - Costa, W. M. Da (1992). *Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP.
 - Dias, L. C. (1995). "Redes: Emergência e Organização". In Castro, I. E.; Gomes, P. C. da C.; Correa, L. C. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
 - ----- (2004). "A importância das redes para uma nova regionalização brasileira: notas para discussão". In Limonad, E.; Haesbaert, R.; Moreira, R. *Brasil, século XXI, por uma nova regionalização: agentes, processos, escalas*. São Paulo: Ed. Max Limonad.
 - ----- (2005). "Os sentidos da rede: notas para discussão". In Dias, L. C. & Silveira, R. L. C. (Orgs.). *Redes, Sociedades e Territórios*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
 - Rodrigues, L. A. (1947). *Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar.
 - Silva, G. do C. e. (1981). *Conjuntura política nacional, o poder executivo & geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio.
 - Théry, H. (2005). "Situação da Amazônia no Brasil e no continente". Revista *Estudos Avançados-IEA/USP*, São Paulo: n. 53, v. 19, set/dez.
 - Toledo Júnior, R. De (2003). "Telecomunicações e Uso do Território Brasileiro". In Souza, M. A. de (Org.). *Território Brasileiro: usos e abusos*. Campinas: Ed. Territorial.
 - Travassos, M. (1947). *Projeção continental do Brasil*. São Paulo: Ed.Continental.
- Sites:**
- www.ministeriosdotransportes.gov.br/ (Acesso em 22.10.2013)
 - www.sivam.gov.br/ (Acesso em 19.09.2013)
 - www.cadernosdeinfraestrutura.com.br/ (Acesso em 08.09.2013)